

A Obra Filipina do Convento de Cristo



Muito dificilmente qualquer solução nacionalista para a crise de 1580 teria sido mais favorável para o Convento de Cristo que o período de domínio filipino.

Com a subida ao trono de Portugal de Filipe I (Filipe II de Espanha), o *Prudente*, neto materno do rei D. Manuel I, o Convento de Cristo inicia mais um capítulo da sua existência, que se irá revelar na melhoria da qualidade da vida monacal da Ordem de Cristo.

Os anos em que reinava um único rei em Portugal e Espanha, foram na Europa, férteis em grandes construções palacianas, que no caso particular da Península Ibérica, se manifestaram no grandioso projeto do Escorial .

Nos sessenta anos de monarquia dualista as obras de iniciativa régia, executadas em território português, incidiram exclusivamente nos Paços da Ribeira, em S. Vicente de Fora e no Convento de Cristo.



Aqui destacar-se-ão, entre outras obras e restauros, para além da igreja, a conclusão do Claustro Principal, a grande obra das Fontes (Aquaduto dos Pegões, fontes, lavabos e canalizações dentro do Convento), a construção da Sacristia Nova e da Portaria Real.

A 22 de janeiro de 1584 foi nomeado Mestre-de-obras do Convento, o arquiteto Filipe Terzi, com a incumbência de projetar a Obra das Fontes e de terminar o Claustro Principal.

Este claustro, constituído por dois pisos e coberto por um terraço abalastrado em toda a extensão das suas quatro galerias, localiza-se a SW da igreja, fazendo a ligação desta com os Dormitórios, o Refeitório e toda a zona residencial do convento (diretamente ou através do Claustro de Sta. Bárbara).

Apesar de Filipe I ter estado em Tomar em 1581 e ter prometido verbas para a execução das obras necessárias, o dinheiro apenas começará a chegar oito anos depois.

Em 1587 é assinado um contrato para que se *“acabasse a Claustro Real que faltando-lhe no andar de cima doze colunas e alguns arcos que estavam por acabar”*.



Este claustro encontrava-se por concluir desde a época de D. João III, sendo obra do arquiteto italiano os dois lanços de escada, a pavimentação das galerias, e a implantação do lavabo no piso inferior, junto à entrada para o Refeitório (com a data de 1593 inscrita no frontão).

A fonte cascata implantada no centro do claustro é obra de arquiteto Pedro Fernandes Torres, que consegue a muito custo concluir os trabalhos a tempo da chegada do rei Filipe III a Tomar.

Os custos deste claustro, atingiram a elevada soma de 150.000 Cruzados, quase o dobro da obra da Portaria, que ficou em 8.000 Cruzados (valor esse já muito elevado, tendo sido inclusive objeto de inquérito por parte do rei).



Uma das primeiras intervenções filipinas no Convento de Cristo consistiu na remodelação da Charola, tendo sido assinado contrato com Simão Gomes e Baltazar Marino para que esses começassem a preparar o espaço de modo a que fossem embutidos nas paredes exteriores do deambulatório, doze altares. Para as primeiras despesas receberam 24\$000, soma que se saldou ao fim de quinze dias, em 38\$000 réis.

Entretanto, a par desse trabalho, decorriam também obras de pedreiro no altar-mor. De outubro de 1591 a janeiro de 1592 as obras decorreram na Charola com grande azáfama, documentada pelos inúmeros documentos existentes, referentes a pagamentos a empreiteiros, pedreiros, carpinteiros e operários (só para retirar o entulho resultante das obras, foram contratadas nove pessoas).

De janeiro a março de 1592 existem referências ao assentamento de lajes, embora não se refira exatamente onde, sendo certo que se realizaram intervenções nos pavimentos dos Dormitórios, Igreja e Terreiro, como se tratará mais a frente.

A 14 de março Pero Marino toma de empreitada a obra dos balaústres da escada do coro, estando esta concluída a 2 de maio, data do último pagamento.

A 11 de abril do mesmo ano é feita a encomenda ao *fundidor de artilharia* Pedro Jorge, de um conjunto de balaustres em bronze, para a Charola, segundo desenho de Terzi. A obra foi executada e entregue no Convento, sendo 46 balaustres destinados à Charola, provavelmente para delimitar o altar-mor, 24 para se colocarem nas capelas e oito grandes para a zona do Arco triunfal.

Os frades não gostaram do efeito dos balaustres de metal e venderam-nos na primeira oportunidade, substituindo-os por outros de pau-santo. O arquiteto informou o monarca do ocorrido, tendo este concordado com a atitude dos frades e dado por finda a questão. Também foram executadas obras nas Capelas de Jesus e de Nossa Senhora dos Anjos, a cargo de Baltazar Marinho.

Em 15 de outubro de 1604 o capelão e escrivão do rei, informa-o que nessa data estão já embebidos nas paredes do deambulatório, os altares, estando também já feita a Capela de Jesus, de especial devoção do monarca. A talha desta capela foi quase toda feita em Lisboa, assim como a imagem de Jesus que lá se encontrava. O pintor do retábulo foi Fernão Gomes, admitido como pintor dos mestrados em 1601. Em relação às pinturas da Charola existem documentos de pagamento a Domingos Vieira Serrão, a partir de 30 de maio de 1592.

A 20 de junho foram feitos os últimos pagamentos para o lajeamento do corpo da igreja, continuando as obras nesse espaço pelos anos seguintes, havendo notas de pagamento de pequenos trabalhos e remoção de entulho.

No que diz respeito às pinturas, a última nota de pagamento feita à dupla Domingos Vieira Serrão e Simão de Abreu é de 1595, no valor de 160\$000 réis, pelo trabalho que estes efetuaram no alto da Charola, na zona do octógono interior.

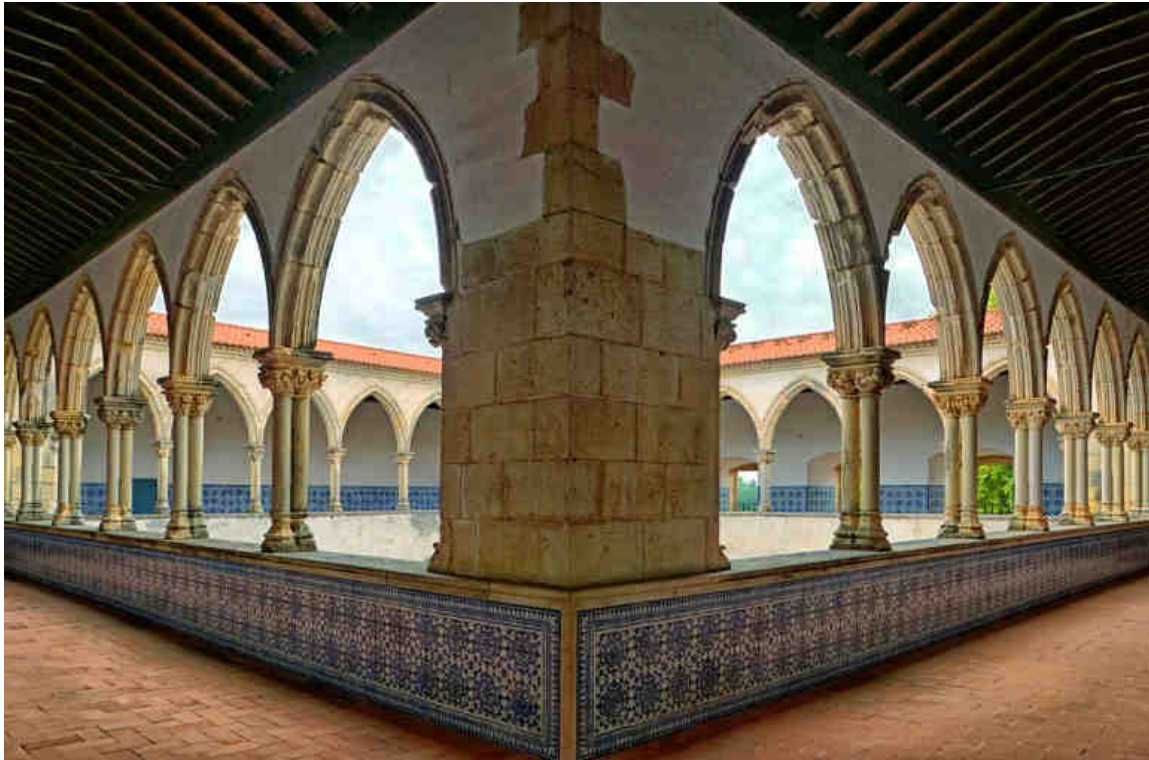
Posteriormente, na época em que era D. Pior do Convento Frei Lopo Salgado (1598/1601), procedeu-se à pintura do arco triunfal, fazendo esta provavelmente parte de um outro contrato, da dupla de artistas Serrão/Abreu com o Convento.

Em 1609 foi mandado fazer nas ferrarias da Vila de Tomar, um novo sino para a Torre. Também se conhecem registos de aquisição, restauros de alfaias religiosas de ouro e prata, iluminura de livros para o Coro, dos quais se destaca o Livro das Escrituras.

Inúmeros registos de contas do Convento de Cristo dão notícia de intervenções de considerável monta durante a época Filipina. Por exemplo, nos claustros henriquinos, em particular na *crastinha dos defuntos*, (Claustro do Cemitério), que terá sofrido uma derrocada por ação do mau tempo, em data que não se precisa.



Em 8 de agosto de 1592, o empreiteiro Simão Gomes, recebeu 1\$000 réis, para se deslocar a Lisboa a fim de falar com o arquiteto Filipe Terzi, sobre as obras necessárias à reconstrução do Claustro do Cemitério. Para além da reedificação das zonas destruídas (coberturas e telhados), provavelmente da responsabilidade de Filipe Terzi, também na época filipina se implantaram os túmulos de Baltazar de Faria, falecido em 1584 e de Pedro Álvares de Freitas, falecido em 1599. Foram ainda realizadas a capela funerária da família Portocarrero, ostentando a data de 1626 e a remodelação da Sacristia e construção da Casa forte.



A 15 de dezembro de 1591, foi determinado reservar 2000 cruzados (mais ou menos 800\$000 réis), para obras no Claustro da Lavagem, adjudicando-se a obra aos empreiteiros Simão Gomes e Baltazar Marinho. Foi entretanto dada de empreitada a Manuel Francisco, em 1592, a construção (ou reconstrução) do passadiço deste claustro para os Paços Reais. Em fevereiro de 1595 toda a arcaria foi limpa, conforme prova o documento de pagamento por esse trabalho. Em 24 de setembro do mesmo ano foi feito um contrato com o mestre carpinteiro Manuel de Abreu, para que se fôrresse a madeira todos *os quadros* desse claustro, por 16\$000 réis cada lanço. As obras deste claustro decorreram por alguns anos com gastos consideráveis não só em trabalhos de madeira, como também de pedreiro e ladrilhador. A multifuncionalidade original deste claustro, onde estariam instaladas algumas *oficinas* necessárias à vida conventual e também de apoio aos Paços Régios (chamado em alguns documentos “*Varanda dos Paços*”), está hoje pouco evidente, particularmente após a derrocada do piso superior e a sua reconstrução na primeira metade do século XX.



Durante o reinado de Filipe II, *o Pio*, deu-se provimento à obra há muito desejada pelos D. Priores do Convento, a Portaria Real. Esta vai ser implantada na fachada norte, sendo concluída em 1620 conforme se pode ler na lápide que integra o frontão, coroando a porta de entrada.

Era há muito evidente a necessidade de dotar o Convento de Cristo de um lugar digno para receber os visitantes, desviando a circulação de pessoas que não se destinassem a assistir aos atos religiosos, da zona da igreja.

Com exceção dos pedintes e arrendatários das terras da Ordem, que usavam desde sempre o Claustro da Micha ou da Procuradoria, todo o movimento de entradas e saídas do Convento de Cristo, se fazia pelo portal da Igreja, na ala Sul do complexo monástico.



Há muito que se reconhecia a grande importância desta obra, tendo Filipe I encomendado projetos aos arquitetos Filipe Terzi e Nicolau de Frias. Nenhum dos projetos apresentados ao rei se inclinava à implantação desta portaria na zona norte, por esta ser de difícil acesso. Ambos os projetos consideravam manter a tradição de entrada a sul, na zona do Claustro da Lavagem, segundo Terzi e do Claustro Principal, segundo Frias. Ambos os projetos desagradavam ao D. Prior, porque as soluções propostas iriam perturbar a vida de recolhimento dos religiosos. Por intervenção pessoal do D. Prior do Convento, Pedro Moniz, vai ser executado o projeto por este defendido, avançando as obras a norte sob a direção de um discípulo de Terzi, Diogo Marques Lucas.



O Pórtico da entrada Régia sobressai pela grande imponência de forma e tamanho, a este do portal da Micha, sendo composto por duas colunas dóricas romanas, assentes sobre pedestais que sustentam um frontão semicircular interrompido de onde arrancam pequenas pilastras sustentando um outro frontão triangular, ladeado por volutas. Neste espaço existe uma inscrição onde consta o ano da sua construção, 1620.

A entrada faz-se por um pequeno vestíbulo de três tramos, cobertos por abóbadas de arestas, sustentadas por arcos de volta inteira, assentes sobre pilastras.

Segue-se um espaço descoberto que é rasgado a sul por uma escadaria ladeada de grandes pilastras, coroadas com frontão semicircular interrompido, no centro do qual se aloja o escudo nacional.

Desde o vestíbulo até ao topo da escadaria, o espaço é ornamentado por um silhar de cerca de 120 cm de altura de azulejos azuis e brancos, *enxaquetados* na entrada e pátio e com motivos vegetalistas na escadaria.

Os três lanços de escada são cobertos por uma abóbada de canhão e contam com sessenta degraus interrompidos por patamares ligando, o segundo, aos aposentos da Hospedaria e o último, à Sala dos Reis. Desta sala se fazia também originalmente a passagem para a Hospedaria (ligação hoje já desaparecida). Esta sala de receção por excelência tem comunicação através de duas dependências à ala do Dormitório Novo e à zona de Enfermaria. Por uma porta a sudoeste dá passagem à Igreja e aos claustros *henriquinos*, através do Corredor dos Confessionários que também levava ao Noviciado. Originalmente existiriam ali doze portas e, no espaço de parede livre, dois bancos de pedra com assentos revestidos a madeira de castanho. À altura das portas toda a parede é revestida de azulejo similar ao da escadaria, sendo o teto em madeira com pintura. À esquerda de quem entra foi construída uma divisão para o frade *Donato* encarregue da portaria, onde estava instalada a campainha.

Na direção norte a sala de passagem é também revestida de azulejo azul e branco, *enxaquetado* e originalmente teria também, bancos de pedra, revestidos de madeira de castanho. Esta sala e outra contígua, serviriam de passagem e apoio ao Dormitório Grande.

Este foi também, por volta de 1600, ampliado sobre a ala Norte do Claustro da Hospedaria, acrescentado onze quartos e algumas salas ao referido Dormitório. A obra da portaria e *azulejamento* de corredores anexos, portas e outras obras terão custado ao todo oito mil cruzados, que se pagaram dos *quartos*. Depois de concluída a Portaria, foram efetuadas obras no Terreiro da Igreja. Registo de pagamentos relacionados com estas benfeitorias no acesso ao Oratório, estendem-se por três anos, entre 1623 e 1626.

Outras obras da época filipina consistiram em: assentamento de lajes no dormitório (último pagamento a Simão Gomes em 25 de setembro de 1593); travejamento e cobertura de telhados no Claustro da Lavagem (Baltazar Marino), assim como conclusão do pavimento da varanda do Noviciado. Entre agosto e novembro de 1593 o ladrilhador Aleixo Antunes trabalhou, assentando azulejo, no corredor e capela do Cruzeiro assim como, terminado esse trabalho, viria a aplicar ladrilho. Anos depois, entre 1617 e 1620 serão efetuadas as obras de revestimento azulejar no Noviciado.



Uma outra obra de reconhecida utilidade para o Convento foi a Sacristia Nova. Implantada a poente do Claustro do Cemitério e com comunicação por um corredor à Charola Templária, cabeceira da igreja Manuelina.

Espaço interior maneirista de planta retangular e de dimensões consideráveis (12,6 x 7,6 metros), terá sido sofrido obras de unificação estilística por volta de 1629/30, a cargo de um discípulo de Terzi, provavelmente Diogo Marques Lucas, que foi também o responsável pelas obras da portaria. O espaço é cortado por duas cornijas, uma a meia altura da parede e outra no arranque da abóbada de canhão.

As paredes nascente e poente estão organizadas como fachadas arquitetónicas de três andares, pseudo-similares, divididas em três registos, enquanto as paredes norte e Sul são ocupadas em grande



parte por vãos onde se implantavam os arcazes, pinturas e espelhos, segundo descrições da época. Sobre a ornamentação desta sacristia diz-se que, por cima dos arcazes, se encontravam espelhos e pinturas de Bento Coelho da Silveira, alusivas à Cruz de Cristo, principiando com a Aparição de Cristo a D. Afonso Henriques, no campo de batalha de Ourique. Ladeando a entrada existem dois lavabos de quatro bicas cada, com cabeças aladas o da esquerda, e cabeças

femininas e masculinas, o da direita, numa alusão ao divino e profano, relação presente muito particularmente num local de sacristia, antecâmara da igreja e ligação com o exterior.

Todo este espaço é coberto por uma abóbada de berço, em pedra calcária, dividida em caixotões de moldura plana, profusamente ornamentada a ouro e têmpera sobre fundo branco (a seco) em brutescos vegetalistas com elemento central de uma cabeça alada.

Sobressaem de uma ornamentação repetitiva, os quatro caixotões centrais onde se inscrevem, a Cruz de Cristo, a Esfera Armilar, as Armas de Portugal e um brasão encimado por uma mitra bispal. Nas paredes, em frisos e elementos decorativos pontuais, também se regista a aplicação de folha de ouro, sobre uma fina camada de preparação branca.

O chão é revestido, pela técnica de embrechado, de pedra calcária, de cores bege, cinza e rosa. O motivo central que ocupa o piso é uma composição de círculos que se interligam, circundados por cercadura de motivo ondulante, entre duas molduras retangulares. O fato do pavimento parecer encontrar-se a um nível inferior, ilusão provocada pelo patamar que corre a toda a volta da sala, assim como a reprodução para o interior de fachadas arquitetónicas, provoca no visitante uma sensação de quase claustrofobia.

A intencional falta de simetria dos elementos decorativos, a irregularidade do frontão triangular, assim como a torção das composições pictóricas dos caixotões centrais do teto, produzem o desconforto e a inquietação própria das manifestações artísticas do maneirismo. Anexa à Sacristia, no espaço entre esta e a Capela de António Portocarrero, foi edificada a casa forte, onde se fazia a guarda do tesouro de relíquias e objetos preciosos do Convento.



De todas obras filipinas aquela que foi a maior e mais necessária benfeitoria do Convento de Cristo, foi a grande Obras das Fontes - a construção do Aqueduto dos Pegões Altos.

O aqueduto terá o seu início em 1595 e verá a sua conclusão quase no final da monarquia dual em 1614, data inscrita na lápide que assinala o local onde o aqueduto entra na Cerca do Convento, e 1617 data inscrita no lavabo que se situa junto à *Mãe de Água*, no extremo sul do corredor do Dormitório dos Frades

O projeto de Filipe Terzi, aprovado por Filipe I em 1593, vai ser executado por Pedro Fernandes Torres a partir de 1597, após a morte do arquiteto italiano.



Tem uma extensão de seis quilómetros e é constituído por 180 arcos de pedra, atingindo nalgumas zonas uma considerável altura, de dois pisos de arcos sobrepostos. No final do corredor do Dormitório Grande, que parte da Capela do Cruzeiro, em direção ao sul, existe um lavatório alimentado pela caixa de chegada das águas que se situa atrás, recolhendo do Aqueduto, a água para abastecimento do Convento.

Este lavatório é rematado por um frontão triangular interrompido, sustentado por duas pilastras adossadas sem ornamentação. No interior surge um arco de volta inteira revelando no intradorso uma abóbada de caixotões. No interior do arco, existe a pia do lavatório alimentada por duas bocas de água. Sobre o arco, regista-se um friso, onde se lê a data da construção. Coroando todo o conjunto estão as armas de Portugal, assim como em lugar de destaque, a cruz de Cristo.

Bibliografia Recomendada

- ALCAIDE/ CREMADES, Victor/F. Checa, *El Renacimiento, Formación y Crisis del Modelo Clásico*, Madrid, Ediciones Istmo, 1983
- GRANDRA, M. Joaquim, *Três Cartas de Filipe III sobre as alterações ocorridas no convento de Cristo de Tomar*, In Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar, n.º 5, 1983
- GUIMARÃES, José Vieira da Silva, *A Ordem de Cristo*, Lisboa, 1901, pp.211 -275
- GUSMÃO, Adriano de, *As Pinturas Murais da Charola de Tomar*, In Anais da UAMOC, Tomar, Vol. III, 1955, pp.135-141
- JANA, Ernesto José,
- *A Real Portaria do Convento de Cristo*, in: Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, n.º 27, Outubro 1997, Tomar, pp. 101 – 126
 - *O Aqueduto dos Pegões – Subsídio para o seu estudo*, in Boletim Cultural e informativo da Câmara municipal de Tomar, n.º 17, pp. 87 –104
 - *Visita de D. João V à Vila de Tomar e ao seu convento*, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, n.º 14, Março 1991, pp. 151 –191
 - *O Convento de Cristo em tomar e as Obras durante o Período Filipino*, 1990, Lisboa (exemplar policopiado da dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)
- LAVANDA, João Baptista, *Viagem da Catholica Real Magestade del Rey D. Filipe II Nosso Senhor ao Reyno de Portugal*, Thomas Lunti, 1622, Madrid
- MAYER, Ralf, *Materiales y Técnicas del Arte*, 4ª Ed. Hermann Blume, Madrid, 1985
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O tempo dos Filipes em Portugal e no Brasil (1581-1668)*, Ed. Colobri, Lisboa, 1994
- SHEARMAN, John, *O Maneirismo*, São Paulo, ed. Cultrix, 1978
- SIMÕES, J.M. dos Santos,
- *Inscrições Lapidares no Convento de Cristo* In: Anais da União dos amigos dos Monumento da Ordem de Cristo, vol. II.
 - *A Entrada de Filipe II em Tomar, 1619 (Notas de História, arte e arqueologia)*, in Estudos Tomarenses, Ed. Museu Hebraico de Tomar, Tomar, 1943
- ROSA, Alberto de Sousa Amorim, *História de Tomar*, Vol. II, Ed. Assembleia Distrital de Santarém, Santarém, 1986, pp. 9-43
- VITERBO, F. M. Sousa, *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos e Engenheiros militares portugueses ou ao serviço de Portugal*, Edição em fac-símile, Lisboa, INCM, 1986.
- ZURARA, Gomes Eanes, *Crónica da Guiné*, Liv.ª Civilização, 1973 s.l.

E ainda:

- Anais do Município de Tomar (1137/1700), A gráfica de Tomar, 1968 –71, Tomar
- *Empreitada das Lages para o dormitório do Convento*, In Anais da UAMOC, Vol. II, p.179
- *Inscrições Lapidares no Convento de Cristo*, In Anais da UAMOC, Vol. II, 1945 –46, pp.84-89; pp. 97-100; pp.106-111.
- *Inventário do Convento de Cristo, em 1834*, In Anais UAMOC, Vol. II, pp. 92-96 e 101-104
- *Notícia de Alguns Objectos de ouro e prata que pertenceram ao Convento de Cristo*, In. Anais UAMOC Vol. I, pp.3-12
- *Notícia de Alguns Pintores Portugueses e de Outros que sendo Estrangeiros, Exerceram a Sua Arte em Portugal*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1903
- *Obras Efectuadas no Convento de Cristo no Tempo de Filipe II*, in Anais da UAMOC, Tomar, vol. I, 1943, pp.224-225